Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

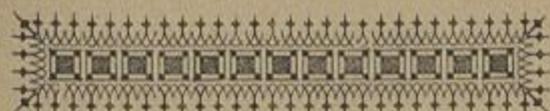
22.º Anno — XXII Volume — N.º 745

10 DE SETEMBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Esta manhã um sopro de vento metteu-me no quarto uma folha secca, girando, girando, a primeira arrancada ao velho ulmeiro.

Parecia recortada n'um pedacinho d'oiro.

E atraz d'esta virá uma outra, e outra ainda, até que o velho ulmeiro todo se desnude.

Já lá vão as séstas, que os dias vão sendo curtos; já não ha horas de descanço, nem sonhos bons na nesga da sobra, acalentados pela cegarega estridula das cigarras.

Vem-se approximando o outomno. Foram-se de vez os grandes calores, tornam-se mais amorosos os dias.

De manhã e á tarde, o vento norte tem uma doçura humida e um perfume differente.

O adeus dos dias grandes é terno como um beijo. As côres vivas dos poentes vão-se amaciando. Perde-se em maior porção, d'oiro a poeira scintillante das joias. A' noite na humidade do céo brilham com mais intensidade as estrellas. Anda uma melancolia no ar, onde já folhas seccas volteiam, doidas como borboletas. Mas não é o amor que as faz voar, é a morte.

É aproveitar estes dias que ainda faltam, dias de ferias, rapazes, que outubro está-nos á porta. E' beber a longos tragos os raios de sol que descem do céo a jorros.

E' o tempo lindo á beira-mar. A's praias do norte causou prejuizo a noticia dos lazaretos na fronteira; mas onde a colonia hespanhola não é o motivo principal de animação, as festas succedem-se, o movimento cresce dia a dia.

Nazareth, Ericeira, Cascaes, Estoril e todas essas praias á beira do Tejo até Paço d'Arcos estão animadissimas.

Não ha mais lindo passeio n'estas tardes cujo socego se infiltra misteriosamente nas almas, do que um passeio de comboio á beira do Tejo, depois á beira do mar, até Cascaes.

E, se no caminho se apanha frio, lá estão as roletas para um calor.

Não tardam ahi as chuvas e, adeus lindos passeios á tarde, vendo o sol a sepultar-se nas aguas, que descantam um epicedio melancolico.

As nuvens pardas vão dentro em pouco accumular-se, ferrugentas, ameaçadoras, e o cantico do mar será substituido em Lisboa pelo rumor das aguas barrentas nas sargetas dos passeios. Não ha tempo de olhar para o céo, que é preciso nas ruas saltar de pedra em pedra, como a esquiva dama do Nicoláo Tolentino.

Mas, idéa ainda mais triste vão trazer-nos as chuvas d'esta vez. E' no tempo humido, dizem os homens de sciencia, que o microbio se desenvolve.

E temos que nos preparar para essa lucta.

Entretanto as noticias do Porto relativas ao desenvolvimento da peste não são felizmente desanimadoras. Dias teem havido em que não foi registado nenhum caso novo.

O Dr. Ricardo Jorge continua recebendo de nacionaes e estrangeiros as mais honrosas e inequivocas provas de apreço, que muito lhe devem mitigar o desgosto d'uma offensa, que só nasceu d'um instante de desvairamento que, decerto, é elle o primeiro a desculpar.

Cumpriu elle rigorosamente o seu dever com intelligencia, dedicação e coragem, e, se a peste não tiver que fazer maior numero de victimas, ao grande homem de sciencia o ficaremos devendo.

Continuam as queixas contra o cordão sanitario, tendo ultimamente protestado contra elle a sociedade de medicina e cirurgia do Porto em telegramma dirigido a El-rei.

Tambem o sr. D. Antonio Barroso enviou um telegramma ao sr. presidente do conselho pedindo lhe que procure attenuar a situação difficil dos seus diocesanos, a qual muito o penalisa.

Se a peste não augmentar com as chuvas proximas, não foi esse decerto o maior mal que sobre a infeliz cidade do Porto cahiu, mas as consequencias que d'elle resultaram.

Continuam fechados muitos estabelecimentos commerciaes, muitos fabricas pararam suas machinas e as emprezas despediram os operarios.

Isto sim, que é devéras triste. Como acudir a tantos operarios que em breve hão de vêr-se a braços com a peor das pragas, a fome?

Na Regoa houve uma importante reunião de agricultores, que resolveram pedir ao governo providencias sobre os prejuisos que lhes causa o cordão sanitario.

Em Pernambuco não quizeram receber a carga que o vapor *Scholar* descarregou em barcas no lazareto da Ilha Grande e que será destruida por ordem do governo brazileiro se não fôr reclamada a sua reexportação para Portugal.

Todas são noticias de muita gravidade e que devem chamar toda a attenção dos poderes publicos.

Outras nuvens que tambem nos ameaçavam parecem querer desvanecer-se.

Segundo todas as probabilidades dizia-se o conflicto entre a Inglaterra e o Transvaal não seria resolvido pela força armada. Deveriamos isso a uma intervenção mais ou menos ostensiva da Allemanha E' muito melindrosa a nossa situação na Africa do Sul, para que não nos alegremos com a nova fase que a questão parecia querer tomar. Mas os céos toldaram-se outra vez e de curta duração foi o nosso respirar mais socegado.

DR. RICARDO D'ALMEIDA JORGE

Tudo o que fóra de Portugal se passa é para nós sempre de grande interesse, até quando este não possa definir-se exactamente.

A questão Dreyfus, que tanto tem ultimamente commovido o mundo inteiro, e as consequencias que d'ella devam resultar, não nos podem ser indifferentes tambem. A guerra com qualquer potencia estrangeira pode ter funestos resultados para Portugal.

Eil-a finalmente publicada a sentença, depois de tantos dias de anciedade, do depoimento de tantas testemunhas que se contradisseram, dos debates que por vezes foram interessantissimos.

Qual será o resultado de tanta iniquidade, como em quasi o inteiro mundo foi classificada a nova condemnação de Dreyfus?

Tomaram-se em França as maiores precauções para evitar qualquer tentativa contra ou a favor do condemnado da Ilha do Diabo.

Quando foi da leitura da sentença, todas as portas do pateo e das galerias do tribunal estavam guardadas por soldados. No interior da salla postaram se cem gendarmes. Foram duplicadas as forças que formaram entre a rua e o tribunal.

Se Dreyfus fosse absolvido sahiria de Rennes com as mesmas precauções com que entrou; condemnado, a lucta continuará, recorrendo a defeza, em vista dos elementos que tem, para o tribunal de cassação.

Não descança Labori, o celebre advogado, cujo nome se vai enchendo de gloria, na tarefa a que se dedicou com toda a alma. Não descança um só momento a curiosidade puplica, que d'esta vez, como de poucas, tem verdadeira razão de ser.

O estado dos espiritos em França continua exaltado. O Fort-Chabrol chama ainda as attenções. A prisão de Dérroulède e o processo intentado contra o celebre poeta patriota vieram ainda excitar os animos.

Em Portugal a nossa politica não sai do ramerrão. Nem sequer se fala das novas eleições que estão á porta, embora em certas regiões talvez se pense mais n'isso, segundo certos artigos violentos da opposição, do que nos muitos negocios importantissimos d'este tempo que tão calamitoso vai correndo.

O partido regenerador teve agora occasião de provar mais uma vez ao illustre estadista, conselheiro Hintze Ribeiro, o muito respeito que lhe merecem o seu prestigioso talento e faculdades de trabalho, de que sobejas provas deu na gerencia de varias pastas e ainda ultimamente na lucta que sustentou na camara dos pares contra o actual ministerio.

Foi brilhantissima a recepção que lhe fizeram á sua chegada a Lisboa, de volta de uma longa viagem pelo estrangeiro.

Amigos e partidarios, todos se juntaram na estação do Rocio, á hora da chegada do expresso de Madrid, e ali manifestaram a sua alegria por ver, já restabelecido de seus incommodos de saude, reassumindo o alto logar, que lhe compete na politica portugueza, um dos homens que maior prestigio adquiriram na administração dos negocios publicos e nas lides parlamentares.

Vem-se approximando o inverno e nos ares toldados apparecem bocadinhos de azul. As melhores noticias sobre a diminuição dos casos de peste no Porto e juntamente as promessas do governo para melhorar as tyrannias do isolamento da segunda cidade do paiz, dão-nos esperanças d'um inverno menos assustador que o verão que vai fugindo.

Acabaram-se os cirios, acabaram as romarias. A ultima festa do verão foi a toirada de canastras nos jardins da Pena, em que figuraram como cavalleiro o Principe, como neto o Infante.

Uma festa linda!

O director da corrida tendo feito umas observações a um dos espadas, que sahira fóra do seu logar indevidamente, respondeu-lhe este:

— Então!... Fui dar um recado ao boi!

Não houve desastres. Alegria do sol, alegria das crianças, alegria de todos!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O DR. RICARDO DE ALMEIDA JORGE

Não é d'hontem que data a gloria do sabio professor da escola medico-cirurgica do Porto, agora tanto em evidencia, depois que n'aquella cidade appareceram os primeiros symptomas da peste bubonica e elle, mais uma vez, demonstrou as extraordinarias qualidades que adornam o seu espirito.

Ha quasi quinze annos, em 21 de setembro de 1884, publicava o Occidente um bello artigo do nosso fallecido e chorado collaborador, Manuel M. Rodrigues, acompanhando um retrato do sabio professor, uma das maiores glorias scientificas de Portugal.

Discipulo distincto da escola medico-cirurgica do Porto, contava vinte e um annos quando terminou o curso, e, passados seis mezes, apresentava a sua dissertação para concurso ao logar de professor.

Tendo-se dedicado aos estudos da hydrotherapia fez uma viagem a França, onde teve ensejo de tratar de perto os homens mais notaveis da sciencia. De regresso d'esse paiz montou o estabelecimento hydrotherapico, junto ao grande Hotel do Porto.

Muito novo ainda, ia assim procurando firmar seus creditos. Taes são elles hoje, que a ninguem é licito duvidar da alta capacidade do Dr. Ricardo Jorge. Se accrescentarmos que o seu caracter é diamantino, ha de parecer a todos incrivel que contra elle alguem pudesse dirigir a mais ligeira affronta.

Mas quem pode ter mão n'um desvairamento louco?

Foi com certeza o Dr. Ricardo Jorge o primeiro a perdoal-o, elle que tantas horas de sua vida dedicou ao estudo das paixões, que teem sua razão de ser em lesões organicas chronicas ou passageiras.

De portuguezes é terem má lingua; mas d'esta vez valeu apena ser maltrado para conseguir a gloria do mais brilhante dos protestos.

Coragem, tenacidade, altruismo são virtudes raras; rarissimas quando juntas; capazes de obrar milagres quando ainda reunidas a um poderoso talento.

O Dr. Ricardo Jorge, desde a primeira suspeição de peste, não abandonou um instante seu posto, ou á cabeceira dos enfermos ou no seu laboratorio.

O nome respeitabilissimo de que ha muito gosa, conquistou agora mais uma aureola, de todas a mais fulgurante. Tudo ha a esperar do eminente professor, um verdadeiro benemerito. Tem elle a seu lado os seus collegas mais notaveis e toda a gente de bem.

O Occidente, reproduzindo o retrato do talentoso clinico, cumpre n'esta occasião, gostosamente, um dever.

O PORTO

(Aspecto geral)

Quando se atravessa no comboio a ponte D. Maria Pia, avista-se á esquerda a cidade immensa, onda immovel de casarias, sobre a margem esquerda do rio Douro. É a capital do norte, a segunda cidade do paiz.

O panorama é esplendido. Aqui, acolá, erguem-se os velhos monumentos de granito, a antiga Sé, o paço do bispo, alguns conventos velhos.

O Douro corre lá em baixo.

É linda, risonha, attrahente a paizagem da direita. O rio é para esse lado muito mais bello que para baixo, até á Foz, prejudicado pelas construcções dos grandes armazens de Villa Nova de Gaia, muito feias, mas contendo riquezas fabulosas.

Um instante. Passou-se a ponte. Entrámos nas trevas d'um tunnel.

O Porto é das cidades de mais variado aspecto que conhecemos.

Contando monumentos dignos de admiração, alguns modernos, como o hospital e a bolsa, outros antiquissimos como a egreja de S. Francisco, torna-se celebre entre todos a torre dos Clerigos, que de toda a parte se avista, destacando sempre no azul do céo os seus rendilhados escuros de granito.

A Praça Nova, com a sua estatua equestre de D. Pedro IV, é o centro de todo o movimento da cidade. Quem vem da rua de D. Pedro, dos Clerigos, de Santo Antonio, lá de baixo da margem do Douro, por ella faz caminho. Na Praça é a Camara Municipal, são os principaes cafés. Perto da Praça muitos dos melhores hoteis.

São notaveis pela belleza e luxo das lojas muitas ruas do Porto, a rua de Sá da Bandeira, onde é o theatro do Principe Real, a rua de Santa Catharina que vai dar á Batalha, em cuja praça se ergue a estatua de D. Pedro V, quasi em frente do theatro de S. João, a rua de Santo Antonio que desde a Batalha desce em linha recta até á Praça Nova.

É esta a parte da cidade mais frequentada pelos forasteiros, onde encontram os melhores theatros, cafés e hoteis; mas, mais para baixo, mais perto do rio, em volta da bolsa é onde os escriptorios de commercio maior movimento dão á cidade durante certas horas do dia.

Nos bairros novos toma o Porto um aspecto muito differente, podendo, quem passa pela rua da Boa Vista ou Duqueza de Bragança, julgar-se a mil leguas de distancia da rua de Traz ou da rua dos Caldeireiros. Ha n'esses bairros um grande socego e o gosto que presidiu á construcção da maioria das casas foi sem duvida superior ao que delineou as casernas semsabores que ladeiam a maior parte das ruas novas de Lisboa.

Um dos encantos do Porto é a grande quantidade de jardins, pequenos ou grandes, que a cadpasso se encontram, municipaes ou particulares. Por toda a parte, copas de arvores frondosas espreitam por detraz dos muros, por cima dos telhados.

O jardim do Palacio de Cristal é dos mais bellos de Portugal. A matta é lindissima, frondosas as alamedas, delicioso o panorama.

Mas a parte mais pittoresca da cidade é entre o Douro e a Sé, vindo desde o palacio do bispo até ao velho convento da Ave-Maria e descendo depois, parallelamente á rua de S. João, outra vez até ao rio.

É ahi o Porto velho, o velho burgo de tantas tradições. Ahi fica o Barredo com as suas escadas, *ilhas*, beccos e travessas tortuosas.

Quasi por cima d'essa parte velha corre a ponte D. Luiz I, que une as duas margens e de cuja immensa altura parecem pigmeus os homens, que pelo rio vão remando nos barcos.

Os arredores do Porto são admiraveis, lindo o passeio até á Foz, Leça e Mattosinhos.

É o Minho que começa.

Com isto uma população activa, intelligente, sympathica, que tanto mais nol-o deve ser hoje, quanto é certo que está soffrendo e que não podemos como irmãos deixar de nos compadecer de seus soffrimentos.

O THOMÉ EM BOLANDAS

HUMORESCO

Por F. A. Janvier

(Continuado do numero antecedente)

Mrs. Harvey, involuntariamente, em resposta a tão alta cortezia, cumprimentou tambem, e sorriu.

— Está uma noitesinha d'encommenda, pois não acha? disse o homem, com visivel intenção de armar conversa; e accrescentou: — Apanhei uma molhadéla de respeito.

— Veja lá não se constipasse, replicou a bondosa senhora, com delicado interesse. O xerês reanimára-a, e o homemzinho estava-a tratando com tão cerimoniosa deferencia, que ella, da sua parte, — suppondo mesmo que elle tivesse entrado mais do que lhe seria conveniente pela bebida — sentia-se obrigada a corresponder-lhe no mesmo tom.

— Agradeço o seu cuidado, minha senhora; respondeu o homem. — Com certeza que, se não fôra o seu xerês, teria apanhado uma constipação. Quando aqui entrei, vinha gelado; não trazia um fio enxuto, acredite. Porque, bem vê, tive que me safar com muita pressa, e por signal que nem tive tempo de jantar. Apanhar uma carga d'agua e rapar frio com o estomago vasio, não é das coisas mais salubres, deve concordar. — Quem foi o philosopho que disse, — não se lembra? — Não seria Sidney Smith? — que o exercicio com o estomago vasio era coisa que apênas convinha... ao proximo?

Um ratão de bom gosto, pois não acha?

E ria com gosto, escorropichando o resto do xerês do fundo do copo. O seu processo de emborcar vinho não campava, para que digamos, pela elegancia — pensava de si para si Mrs. Harvey — e de modo nenhum estava em harmonia com os seus módos agradaveis e a facilidade em citar philosophos. Ouvira, porém, contar a Mr. Harvey que, entre os do syndicato, havia sugeitos assaz esquipáticos — gente lá de fora — das regiões remótas ou sertanejas, e de casca muito grossa — fôra esta a sua expressão — e ella, portanto, concluiu que este devia de sêr um dos taes.

— E d'ahi, já se vê, a prova foi para mim tanto mais dura, — proseguiu — pelo facto de coincidir com o periodo de maior depressão vital. O humano systema, bem sabe, atinge o seu minimo de vigor entre a uma e as três da madrugada. Seme-

lhante facto phisiologico representa, para os individuos do meu modo de vida, grave transtorno — é imposto que assaz pésa sôbre a organisação nervosa o ver-se uma pessoa compellida a fazer esfórços extraordinarios, exactamente no periodo em que se avisinha a prostração — esse periodo que a natureza previdente designou para o descanso recuperativo.

Não, ha, porem, profissão que não tenha seus contras. Estou persuadido de que o seu esposo soffrerá de vez em quando de exhaustão nervosa. A vida de balcão é um tanto fatigante.

O tom de voz do nosso homem era a tal ponto o tom da bôa sociedade, e a sua paléstra tão fluente e natural, que Mrs. Harvey sentiu-se inteiramente á vontade. Recostou-se commodamente na poltrôna e simultaneamente descansou os pésinhos e as respectivas chinéllas n'um banquinho. Ia a responder que Mr. Harvey, n'aquella occasião, andava assaz estafado pelo excesso de trabalho que lhe dava o syndicato e que, na opinião d'ella, devia tomar uns dias de feriado. Não effectuou porem a referida observação — visto como o olhar rapido que o homem relanceou para o banquinho, e o seu sorriso reprimido a tempo, incutiram-lhe na mente a horripilante convicção de que estava sem meias!

Oh! exclamou, no auge da confusão, corando deliciosamente e conchegando á pressa os pan nos da bata em volta dos pésinhos. — De todo me esqueci! — Mas bem vê... que eu, quando desci, estava na fé de que o senhor era o meu marido.

— Desculpas! — por quem é, minha senhora! Sei o que são essas coisas. Tambem sou casado. E afirmo-lhe que concordo plenamente com o poeta Suckling relativamente ao encanto de — não tenho de côr os versos — mas, diz elle algures que ... um gracioso desalinho no vestuario — e dois pésinhos quaes ratinhos a espreitar, ou coisa semelhante...— Está me a parecer que estou a baralhar um tanto os meus poetas, — um dos conceitos é de Herrick, se bem me lembra — mas tanto faz. Eu costumava citar estas linhas, á primeira Mrs. Wilbraham, — minha esposa — não sei sabe. — Era nimiamente melindrosa em questões de vestuario; — melindrosa em excesso, — lhe observava eu, por vezes.

Mrs. Harvey ficou assaz penhorada pela delicadeza por elle manifestada em desviar a conversação com tanta limpesa da vexatoria região dos seus pés nus; e estimou sobremodo ficar sabendo o nome a tão urbano cavalheiro.

— Agradeço a sua attenção, Mr. Wilbraham — adduziu.

— Peço perdão, — interrompeu o homem, mas não é esse o meu nome.

— Pois não se referiu a sua esposa, nomeando-a...?

— Ah! sim, sim! — Acho natural o seu equivoco. — Nada, não é o meu nome — Mrs. Wilbraham, porém, é sempre o nome de minha mulher. Fez uma pausa momentanea, com manifesto intento de saborear a inhabilidade obvia de Mrs. Harvey em deduzir conclusão rasoavel de tão paradoxica afirmação.

— Não consegue explicar o caso, pois não é assim? proseguiu, com afavel sorriso. Pois bem, eu lhe explico: É porque eu, quando tomo estado, chamo sempre Mrs. Wilbraham a minha mulher, e, pelo uso uniforme do sobredito nome, communico um agradavel sentimento de continuidade áquillo que, de facto — devido á inevitavel intervenção de circumstancias externas — constitue um estado de relações variavel, — direi até, espasmódico. — Expressar-me-hia, acaso, com clareza?

— Nem por isso, respondeu Mrs. Harvey, em quem tão extraordinaria declaração produziu o effeito de um rabo sem cabeça. — Quer-me parecer que não foi muito claro — a meu ver, — pelo menos.

— Eu lhe digo, o caso é o seguinte: proseguiu o homemzinho, em tom cuidadosamente esplanatorio. Em a nossa profissão, não sei se me entende, mudanças rapidas de residencia constituem necessidade constante. Em alguns casos, é me dado levar comigo minha esposa; habitualmente, porem, sou obrigado a deixal-a sósinha — e pelo que me diz respeito — éra uma vez esposa.

— Ora essa! ejaculou Mrs. Harvey!

— Triste! não acha — e tanto mais quanto, aqui onde me vê, sou por temperamento tudo quanto ha de mais caseiro e apenas me sinto de todo feliz no pacifico retiro do meu lar domestico. — Resulta de tão amoravel fraqueza, inherente á minha indole, que o meu primeiro acto, por assim dizer, assim que chego de fresco a qualquer cidade, é contrahir logo novas nupcias — á capucha, mas a valer, já se vê — com padre, anél etc. — E, conseguintemente, pelo singélo artificio de a tratar — como de costume — por Mrs. Wilbraham, — esse nome, em volta do qual, no decorrer dos annos, vieram agrupar-se recordações tão ternas quanto numerosas e variadas — quasi que nem se me torna perceptivel, entre as novas circumstancias que me rodeiam, o facto de haver a minha felicidade domestica experimentado tão ligeira como temporaria interrupção. — Concede-me licença para que me sirva de outro charuto?

Habituada a responder a pedidos d'este genero com afirmativa urbanidade, Mrs. Harvey, impellida por associação de ideias, sorriu e disse «Certamente.» A resposta foi, porém, meramente automatica. Sentia-se opprimida pelo esforço, caracteristico de uma pessima variedade de pesadelo, a acreditar na possibilidade de coisas impossiveis. Na essencia, aquelle systema de polygamia tão diffusamente geographico submettido á sua consideração, parecia-lhe inacreditavel; mas, por outro lado, era apresentado com sinceridade tal que se impunha como digno de credito. — Deploravel confusão de ideias era portanto inevitavel n'um cerebro em que o irresistivel e o inamovivel a tal ponto entravam em collisão!

Manifestamente inconsciente quanto ao effeito que estavam produzindo as suas palavras, o homemzinho accendeu outro charuto, fumou durante um ou dois minutos sem proferir palavra, e depois, em tom de retrospecção meditativa, reassumiu: «A dama a que ha pouco me referi, affirmando ser pessoa em extremo melindrosa em questões de *toilete*, essa mesma a quem eu costumava citar versos de Herrick, foi, permitta-me a expressão — o primeiro capitulo da minha série conjugal. Era de Boston, tal qual sou tambem. — O tom da voz accusava um toquesinho de orgulho de campanario ao proferir tão honrosa declaração — «e casámos um anno depois de eu sahir da universidade de Harvard. Foi o matrimonio usual em harmonia com as convenções sociaes, e, — como eu n'aquella época não adoptára ainda a minha actual profissão — destinado a ser permanente. Como tudo me parece tão exquisito, agora, quando me ponho a recopilar o passado! Ah! eu era novo, n'esse tempo — tinha completado os meus vinte e dois annos, apenas. E agora, que lhe hei-de eu fazer. Já lá vão os quarenta e cinco!

Abstenho-me da citação sediça do original latino, — o poeta, porém, bordejou tristemente e de bem perto pela verdade, quando affirmou que o tempo vôa, pois não acha?

Quando vieram ferir-lhe o ouvido as palavras: «serie conjugal» Mrs. Harvey pregára em si propria um beliscão furtivo e clandestino afim de adquirir a certeza de que estava acordada. A resposta physiologica, sob a forma de dôr aguda, a tão simples consulta psychologica incutia-lhe a convicção de que não podia de modo algum estar sonhando, e o seu espirito, cada vez em maior confusão, envidava baldado esforço em colligir e coordenar as desorganisadas impossibilidades que por tão singular individuo lhe eram apresentadas sob a forma de factos os mais triviaes.

O ponto unico que se lhe antolhava apresentar clarêza era que, por qualquer modo inexplicado — que ella obviamente era supposta ter entendido — tão panoramico schêma matrimonial era natural resultado da propria profissão, e representando este pensamento o unico conceito com alguma clareza para o seu espirito, quando o individuo cessou de falar, ella, procurando na supra-indicada linha de ideias ulterior esclarecimento, inqueriu:

«Mas qual é a sua profissão?»

«Essa agora!» — exclamou o individuo. — E eu a pensar que pelo andamento da conversação o teria percebido!

«Sou ladrão.»

—

As faculdades receptivas de Mrs. Harvey estavam sendo submettidas a tamanho esforço, e tão agradavel e naturalmnte fôra feita aquella affirmação, que, primeiro que ella lhe atingisse cabalmente o alcance horripilante, decorreram ainda uns minutos. Quando, porém, avaliou a situação, o seu espirito, acordando rapido, agio com vigor tanto mais acentuado quanto explodiu em tangente definida com os factos.

«Um ladrão! — bradou — e, n'um abrir e fechar de olhos, galgou para cima da sua cadeira e aconchegou a bata em redor dos pés. A explicação lucida que posteriormente apresentou de acção tão curiosa foi que ratos eram a coisa que mais a horrorisava, e que a impressão que tal surpreza lhe causára era em tudo semelhante á subita apparição de um rato.

O ladrão tambem se pôz em pé, de golpe.

Ts-schiu! exclamou. «Não entre a fazer algazárra. Accorda toda a gente no predio.

E agora tinha-se firme nas pernas. A interrupção abrupta da palestra, apparentemente, surtira o effeito de contrabalançar o que n'elle ainda restava da influencia atrophiante do xerês. Reforçavam semelhante conclusão o ar profissional e o teôr do que de novo proferiu.

«Vamos» disse, «não posso continuar aqui a perder tempo. Preciso de pôr mãos á obra.» Onde é que guarda a prata?»

Sem responder á pergunta, Mrs. Harvey desembrulhou os pesinhos, reconhecendo que o perigo especial em que se achava não era combatido de modo efficaz por tão especial alvitre de defesa, e desceu para a propria cadeira. Era uma mulhersinha animosa, e agora, que conseguira dominar o primeiro sobresalto, não estava de modo algum o que se chama assustada.

Conservava sufficiente sangue frio para saber que o melhor expediente a adoptar era correr ao fio de ligação com o telegrafo do districto, collocado no quarto de vestir de Mr. Harvey, e dar signal para que lhe expedissem um policia; e calou-se, não por que a isso a obrigasse o susto, mas sim porque a sua cabecinha estava a parafusar, no intuito de inventar um qualquer plano mediante o qual tão intelligente manobra de flanco podesse effectuar-se.

O ladrão, comtudo, attribuia assaz naturalmente ao mêdo aquelle silencio; e foi em tom tranquilisador que proseguiu: Socegue que lhe não quero fazer mal — isto é no caso de se portar com termos. — Mas estou aqui por questões de officio, e preciso tratar da minha vida. Quando aqui entrei vinha tão enxarcado, cheio de frio e com tanta fome, que o xerês entrou comigo. Agora, porém, já estou fino, e faço tenção de liquidar a tarefa n'um rufo, preciso de compensar o tempo que perdi. A senhora, á noite, costuma levar a prata comsigo lá para cima — não costuma? Onde é que a guarda? — Anda alguem por lá a pé? O seu marido, já se vê que não, está lá para New-York. — Vamos, desembuxe, faça favor. — Não ha tempo a perder. Semelhante exhibição de conhecimento intimo com respeito aos habitos de seu marido, teria sido para Mrs. Harvey motivo de sobresalto, se acaso lhe não invadira subitamente o espirito a consideração d'um plano a seu ver perfeitamente exequivel — que lhe éra suggerido pela pergunta referente ao arrecadamento da prata — plano que tinha como fim pôr-se ao alcance da communicação telegraphica. O lado sentimental da sua entidade rejeitava um tal plano, considerando-o como em demasia parecido com um sacrilegio; o lado intellectual, porém, — insistindo em que as exigencias da pratica utilidade primávam sobre as suggestões da mera sentimentalidade — ficou de vencida. N'esta conformidade, portanto, respondeu: A não serem os creados, na copa, e a minha pessoa, aqui, não ha em casa mais ninguem. E o cabaz da prata «— Mrs. Harvey expressava-se com precisão admiravel, aliás bem pouco apreciada por parte do ladrão — «está no quarto de vestir de meu marido — o quarto que fica logo no topo da escada. — Se está com pressa, o melhor que tem a fazer é ir lá quanto antes.

— Sim senhor, retorquiu o amigo do alheio em tom admirativo — isso é que se chama ter sangue frio, e juizo tambem, e acrescentou: Queira desculpar-me, invertendo os usos da bôa sociedade acceito o seu braço, em vez lhe offerecer o meu.

— Pois não, replicou Mrs. Harvey; o coração porém, deu-lhe um baque quando sentiu a mão do ladrão pesar-lhe no braço e agarrar-lhe com vigor.

— Não se assuste, disse elle, entrementes subiam a escada juntos. — Parece um tanto ou quanto brutal o eu submettel-a a tão policial apertão, bem sei. Mas bem vê, tenho que andar pelo seguro. Se eu lhe der ensejo, quem me diz que não lhe vem á cabeça passar o pé e tentar dar alarme á creadagem?

— É este o quarto?

— É, a porta, porém, está fechada por dentro. Tem de ter o incommodo de vir de volta pelo aposento da frente. Por aqui, se faz favor. — Involuntariamente, transparecia um toquesinho de anciedade no tom de Mrs. Harvey.

O ladrão estacou, e a pressão sobre o braço d'ella redobrou perceptivelmente de força. Em tom soturno, porém com funda intimativa, adduziu: «Aqui para nós, minha senhora, acho a, assim a módos, condescendente, obsequiadora de mais.

Está com ella fisgáda, por mais que me digam. — Quer um conselho? — fie-se lá no que se fiar, não se faça fina — porque eu, á primeira, metto-lhe esta navalha no corpo! Tenho corrido com este negocio até agora em estylo de high-life,

O PORTO ANTIGO — O BAIRRO DA SÉ

O PORTO ANTIGO — A ILHÁ DO CABO DE SECÇÃO

por estar lidando com uma senhora e ser cavalheiro. Mas, é preciso que entenda, trata-se de negocio, afinal de contas, e se se está lambendo com a ideia de me ferrar alguma partidinha de gata ladra — olhe que se escalda. — Se tem alguem escondido por ahi algures, que venha atravessar-se-me no caminho — arrepende-se, sou eu que lh'o digo, — e desde já lhe juro que, antes de que peguemos á unha — estáfo-a de vez! — Até aqui tem sido opera comica, entra agora o dramalhão. — Se há parceiro alapardado ahi dentro, é dizel-o já. — Se não ha, adiante, por ali é que é o caminho.

(Continúa). *Pin-Sel.*

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

PREFACIO

Desejando o *Occidente* associar-se á commemoração do centenario do descobrimento do Brazil, occorreu-nos publicar uma pequena narrativa d'este importantissimo facto, fundada a parte principal na celebre carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Alvares Cabral, o documento mais genuino que sobre o assumpto se conhece. Por isso intitulámos este trabalho muito legitimamente *O descobrimento do Brazil — narrativa de um marinheiro*, e seguimos com o maior rigor e escrupulo possivel a referida carta.

Já um illustre escriptor brazileiro fez notar a curiosa coincidencia que liga os destinos do Brazil ao nome de Pedro ou Pero. Diz elle:

Descobriu o Brazil — Pedro Alvares Cabral; escreveu as primeiras palavras a respeito do Brazil — Pedro Vaz de Caminha; foi o primeiro historiador do Brazil — Pedro

O PORTO ANTIGO — A RUA DO ARCO DE SANT'ANNA

de Magalhães Gandau [1]; foi primeiro bispo do Brazil — D. Pedro Fernandes Sardinha; foi o primeiro imperador — D. Pedro I, filho de D. João VI.

A carta de Vaz de Caminha só muito tarde se publicou. Que nos conste, appareceu impressa pela primeira vez no tomo IV da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, a pag. 177, publicada pela Academia Real das Sciencias, de Lisboa, em 1826.

Não prima esta transcripção por uma fidelidade extrema. Por isso nos servimos da leitura que se encontra a pag. 108 do volume que, com o titulo de *Alguns documentos do archivo nacional da Torre do Tombo, acerca das navegações e conquistas portuguezas*, publicou o governo portuguez ao celebrar-se em 1892 o descobrimento da America. Para quem quizer conhecer o interessante documento na sua fórma diplomatica, em todo o sabor da sua ingenua linguagem, em todo o pittoresco das suas expressões deixamos indicada esta versão devéras fidedigna.

[1] *Tratado da Terra do Brazil.*

As primeiras noticias positivas ácerca da terra que hoje se chama Brazil alcançam ao anno de 1490, epoca em que um portuguez de nome João Ramalho se estabeleceu na embocadura do Amazonas. O hespanhol Alonso de Hojeda só em junho de 1499 parece ter visto a costa do Brazil.

Em abril de 1500 a nova armada que partiu do Rastello para a India, parece que, segundo uns, para fugir da costa da Guiné, ou já com rumo destinado, segundo outros, carregou muito á mão direita, indo encontrar em 24 d'esse mez uma costa de terra firme [1].

Operando o seu reconhecimento foi ella julgada pertencendo a uma ilha e denominada de *Santa Cruz* e mais tarde conhecida por *Brazil* [2] cujo descobrimento descrevemos.

---

[1] *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas é tierra firme del mar oceano* por Antonio Herrera — cap. VII do l. III da decada 1 — Madrid — 1601.

[2] Originou esta mudança o nome de *brasa* dado a um pau tinturial que ali abundava, e que no commercio se designou por *pau brazil*.

Todavia, ha a este respeito um facto interessante que não queremos deixar de referir. É que nos mappas e cartas dos seculos XIV e XV já se acha notada uma ilha do Atlantico com o nome de *Bersil*. Facto semelhante se deu com as Antilhas, ás quaes precedeu na historia geographica e carthographica a menção de uma *Antilha*, situada nos mares d'aquellas ilhas

Dos mappas mediavaes citam-se como mencionando a ilha *Bersil* o portulano de Medicis (1351) e as cartas de Picignano (1367), que a situam no meio do oceano Atlantico. André Bianco e Fra Mauro tambem a registam. O atlas manuscripto da bibliotheca da faculdade de medicina de Montpellier e o de Rammio (1556) ainda marcam a ilha do Brazil.

Em 1569 os atlas de Ortelio e de Mercator registram este nome. Seculo e meio depois do descobrimento dos Açores collocava-se a ilha do Brazil a O. ou NO. da do Corvo.

Na chorographia açoriana existe o Monte Brazil. Elucidativo seria o averiguar desde quando n'ella figura essa denominação.

Ainda hoje parece haver uma lembrança d'esta ilha no *Brazil-Rock*, que as costas inglezas situam alguns grãos a O. da extremidade meridional da Irlanda.

Já agora, seja-nos permittido ainda consignar uma ultima referencia que julgamos conciliar as opiniões. Dizia-se que essa ilha, em que existia um bosque de madeira vermelha d'onde se extraia a materia tinturial propria para a lã e o algodão, se submergira. Foi o erudito dr. Fraser, quem, recentemente, annunciou ter encontrado n'uns manuscriptos pertencentes ao cartographo francez Tassin, um mappa inedito em que se figura a ilha Brazil, na costa O

O PORTO ANTIGO — A ILHA DOS TANQUES

I

D. MANOEL ESCOLHE ALVARES CABRAL PARA O MANDAR Á INDIA — O DESTINO CONCEDE-LHE OUTRA MISSÃO

Pouco depois de Vasco da Gama ter regressado da sua primeira viagem á India, em que descobrira o caminho maritimo para o Oriente, facto universal que tanta gloria deu ao nome portuguez, aprestou el-rei D. Manoel uma segunda e poderosa frota, cujo commando, parece que, segundo affirma Gaspar Correia nas suas *Lendas*, por indicação do proprio Vasco da Gama, confiou a Pedro Alvares Cabral, que teve a ventura de descobrir o Brazil.

Este illustre navegador portuguez descendia d'uma das mais nobres familias do reino, dizendo-se até que ella já existia em Hespanha, em tempos anteriores á monarchia portucalense. As honrarias e privilegios que lhe eram concedidos parecem justificar esta asserção. Os maiores de Alvares Cabral occuparam sempre entre nós logares importantes, a ponto de nunca renderem preito e homenagem dos castellos e praças por elles governadas, como succedia no de Belmonte, [1] cujo senhorio, bem como o de outras terras, se conservou na familia Cabral, por linha de baronia não interrompida.

Alguns nobiliarios firmam no reinado de D. Diniz a existencia de um Ayres Cabral, que teve sob a sua guarda as fortalezas de Portalegre, Arronches e Castello de Vide, mas o maior numero começam a descendencia do celebre navegador em Alvaro Gil Cabral, que viveu no tempo de D. Fernando, sendo por este muito honrado. Governando o castello da Guarda, negou-se a entregal-o a D. João de Castella, na occasião da sua entrada em Portugal. Este e outros serviços valeram-lhe a graça regia dos senhorios de Azurara, Manteigas e Tavares, e as alcaidarias dos condados da Guarda e de Belmonte, para si e para os seus descendentes.

Alvaro Gil Cabral desposou D. Maria Annes Loureiro, filha de João Annes Loureiro, senhor do morgado do seu appellido e fundador da egreja de Santa Maria de Silgueiros, no bispado de Vizeu, por elle dotada com perto de mil cruzados de renda.

D'este enlace houve os nascimentos de D. Brites Alvares Cabral e de Luiz Alvares Cabral, que de seu pae herdou os senhorios e as alcaidarias, alcançando tambem o logar de veder na casa do infante D. Henrique. Segundo alguns escriptores era apenas guarda-mór do infante. [2]

---

da Irlanda, fóra da bahia de Galway, onde precisamente ha uma rocha e um banco ou baixo muito fundo com o nome de *Porcupine*, que parece ser o cume de uma ilha submersa.

Assim se justificaria um tanto a origem da tradicção da existencia do nome de Brazil dado a uma terra do Atlantico.

[1] O castello de Belmonte, que parece ter sido edificado no reinado de D. Diniz, tal como as ruinas de hoje o deixam perceber, constava de uma alta torre, com duas janellas, uma voltada para o sul e outra para o oeste. É quadrada e junto a ella estão as casas dos senhores do castello, tudo fortificado com muralha de cantaria, e por fóra, em toda a circumferencia, com baluartes muito altos.

[2] Designação por que se conhecia antigamente o official da guarda real que commandava vinte homens.

Casou Luiz Alvares Cabral, em primeiras nupcias com sua prima D. Constança Annes Loureiro, de quem teve tres filhos. Foi o primogenito Fernão Alvares Cabral, que continuou o goso dos privilegios nobiliarchicos de seu pae, consorciando-se com D. Thereza de Novaes Andrada, dama da rainha D. Filippa. Fernão Cabral, filho segundo dos antecedentes, foi o pae do descobridor das terras de Santa Cruz. E a mãe foi D. Izabel de Gouveia, filha herdeira de João de Gouveia, senhor de Almendra, alcaide-mór da Covilhã e Castello Rodrigo, que casara com Fernão Cabral. [1]

Era, pois, um fidalgo distincto o capitão escolhido por D. Manoel para ir á India formar alliança com o rei de Calicut, levantar n'aquella cidade uma feitoria, e iniciar assim o futuro commercio portuguez com o Oriente.

Mas se grande era esta missão que o monarcha venturoso lhe incumbia, muito maior foi a que o destino lhe concedeu.

(Continua).

MEMORIAL HISTORICO E ARTISTICO

ANTONIO XAVIER MACHADO E CERVEIRA

Grande e estimadissimo constructor de orgãos, de que ainda hoje ha bons exemplares nas egrejas de Lisboa.

Citaremos aqui o que se lê, a respeito do orgão d'este auctor, na parochial do Sacrameto, na «*Breve Noticia da Igreja e Freguezia do Sacramento de Lisboa*,» appensa ao *Relatorio da Mesa da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia da mesma soberana Invocação, ácerca das obras de restauração*, etc. Lisboa, Typ de Costa Sanches. 1873, opusc. de 39 pag.

«Desde que a Igreja se concluiu sempre as Mesas teem tratado de adquirir para ella alfaias, ornamentos e outros objectos, devendo especialisar-se como uma das peças principaes o excellente orgão, no qual se lê esta inscripção: — «Antonio Xavier Machado e Cerveira o fez em Lisboa em o anno de 1807 — N.º 83.»

Tem 1:063 vozes, e custou 2:010$000 réis, na forma da lei (isto é; parte em papel, parte em dinheiro de contado), importando em 400$000 réis os respectivos dourados e pintura.»

Antonio Xavier Machado e Cerveira, nasceu em 1 de setembro, de 1756, em Tamengos, bispado de Coimbra, filho legitimo de Manoel Machado Teixeira, e de Josepha Cerveira, elle de Braga, e ella de Aguim. Foi baptisado na freguezia de S. Pedro de Tamengos, a 10 do mesmo mez de seu nascimento.

G. de B.

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

VI

Vem descendo a noite... A roda grande parou e, por isso mesmo, foi condemnado á immobilidade todo o regimento das rodas menores. Paira o silencio sobre todo o moinho; sós, ao longe, no dique aberto, cantam as aguas em movimento sua monotona melodia.

Aqui, em frente de casa, é o rio tão quieto e socegado, como se outro mister não tivesse senão suster os nenuphares. Reflecte-se o sol a pôr-se nas aguas profundas. Como fita d'oiro vermelho vai serpeando atravez as moitas de amieiros pequenos, em que um batalhão de rouxinoes, mal conhecendo o proprio merito, afinam as gargantas para um desafio com as rãs que moram por baixo.

As trez creaturas humanas destinadas a viver juntas d'ali em deante n'aquella florida solidão em que tudo inspira cantos, eil-as já reunidas em roda intima. Sentados na varanda, em volta da meza coberta por uma toalha branca onde jantaram, não fizeram grande honra á refeição d'essa noite, e os olhos fitos no chão exprimem um profundo sentimento de bem-estar. O Martinho, com o rosto entre as mãos, puxa do cachimbo curto espessas nuvens de fumo, fazendo, de quando em quando, ouvir uns sons que se classificam entre os risos e os grunhidos.

O João metteu se todo para dentro da folhagem espessa, deixando que as parras lhe afoguem o rosto. Ao seu halito tremem e volitam.

A Gertrudes, de cara mettida no lenço, olha por vezes de soslaio para os dois irmãos: dir-se-hia uma creança indisciplinada que se não daria de fazer qualquer doidice, mas quer primeiro certificar-se de que ninguem olha para ella. Claro está que não lhe agrada aquelle silencio, mas a boa educação não lhe permitte quebral-o. Entretanto vai se divertindo a fazer ás escondidas umas bolinhas de pão que atira para o meio dos pardaes gulosos que vôam, terra a terra, em volta da varanda. Ha um sobretudo, um garoto muito sujo, que por suas habilidades e rapidez leva de vencida os outros. Logo que um pedacinho de comida chega rolando, afasta as duas azas e põe-se a gritar como um possesso; depois, em quanto para a esquerda e direita vai brigando com os outros, atira com as azas para fóra do campo da batalha a bolinha, que, depois, vai apanhar muito á sua vontade, em quanto os companheiros continuam uns com os outros á bicada que ferve.

Repete a manobra quatro ou cinco vezes e sempre sai vencedor; mas por fim um outro, que tambem não é medroso, descobre o systema e ainda melhor o põe em pratica.

Ao vêr aquillo, a Gertrudes dá-lhe uma enorme vontade de rir; quer á força reprimil-a e mette o lenço pela bocca dentro e tanto sustem a respiração que fica toda roxa. Depois, vendo que não é senhora de si, levanta-se para fugir; mas ainda não chegou á porta e já o riso lhe estoira e ella desapparece na sombra do vestibulo soltando gritos de alegria.

Dispertos do sonhar, os dois irmãos levantam-se.

— O que ha? pergunta o João espantado.

O Martinho meneia a cabeça, dirigindo o olhar para a rapariga, cujas loucuras e criancices bem conhece. Passado um instante, pega na mão do irmão e diz apontando para a porta:

— Dize, achas-lhe feitio de te querer pôr fóra?

— Decerto, não! responde o João com um riso pouco á vontade.

— Sabes lá, rapaz, continuou o Martinho coçando as guedelhas em moitas, que desasocegos me deste! Que noites passei ás voltas na cama! Pensava em ti... sabes... por causa do desarranjo que te fiz talvez...

Depois d'uma pausa, proseguiu:

— E entretanto, vendo-o tão mansa, tão innocente, ora dize lá, rapaz, como havia eu de não gostar d'ella? Assim que a vi, não tive mão em mim. Tanto me fazia lembrar o meu João: risonha, uns olhos brilhantes em que sempre se lia uma alegria doida, tal qual como tu. Era uma criança, bem sei e criança ficou até agora... descuidada, azougada, traquinas como uma criança... E olha que se a gente lhe não tem mão na redea, é muito capaz de escangalhar tudo. Mas assim é que eu gosto d'ella — um raio de ternura illuminou-lhe o rosto — e, por muito que pense, já não podia passar sem uma só d'aquellas loucuras... Bem sabes, eu hei de sempre servir de pae a alguem: d'antes era isso comtigo, agora é com ella.

E tendo aliviado assim o coração, mergulhou outra vez no profundo silencio.

— És feliz? perguntou lhe o João.

O Martinho puxa enormes fumaradas do cachimbo; em meio da nuvem que o cerca, murmura, depois d'uma nova pausa:

— Conforme.

— Conforme o quê?

— É preciso que lhe não queiras mal.

— Que lhe não queira mal?

— T... t...! Não te desculpes.

O João cala-se Ser-lhe-ha facil convencer o irmão, e, fechando os olhos, novamente mette a cabeça entre as folhas, que o vento agita.

Um raio de luz obriga-o a erguer os olhos.

É a Gertrudes, que, de pé no limiar da porta,

---

[1] Documentos e estudos recentemente publicados demonstram que Pedro Alvares Cabral usou de preferencia o appellido materno de Gouveia. Mas já que a tradicção o designou por Cabral, como deve ser, na verdade por parte de seu pae, apenas damos esta noticia, indicando ao leitor o livro do sr. Ayres de Sá — *Frei Gonçalo Velho* — Lisboa, 1899, onde se liquida este assumpto.

com o candeeiro na mão, apparece toda envergonhada. Cobre-lhe vivo rubor o rosto gracioso e os cilios baixos projectam-lhe nas faces duas sombras semi-circulares.

— Que doidinha! diz-lhe o Martinho, afagando-lhe, cheio de ternura, os cabellos despenteados.

— Não queres ir deitar-te, João? pergunta ella com muita seriedade.

Mas na voz transparece-lhe ainda um leve riso, que mal tenta reprimir.

— Boa noite, irmã!

— Espera, vou lá acima comtigo.

O João estende a mão á cunhada, que volta a cara para esconder o sorriso.

O Martinho pega no candeeiro e sobe a escada, precedendo o irmão. Chegado lá acima, pega-lhe na mão, e, sem palavra, fita por instantes o olhar franco e bom no rosto do João, como se ainda mal pudesse dominar a felicidade. Depois dirige-se silenciosamente para a porta e sai.

O João suspira e espreguiça-se com as mãos apoiadas ao peito. Afoga-o a alegria que lhe invade a alma. Quer de novo ir ter com o irmão para desafogar, dizendo-lhe algumas palavras de ternura e gratidão, mas já ouve os passos do Martinho eccoando em baixo, no vestibulo. E' tarde.

Antes de metter-se na cama, quer vêr se socega. Apaga a luz e abre um dos batentes da janella. O ar fresco da noite, que lhe bate na cara, faz-lhe bem e dá-lhe paz.

Debruça-se no apoio da janella e põe-se a assobiar uma cantiga, mergulhando o olhar nas sombras do crepusculo. Por baixo a maceira em plena florescencia baloiça o montão branco de suas flôres. Quantas vezes em criança trepou por aquelles ramos! Quanta vez, cançado de brincar, se encostou áquelle tronco, perdido n'um sonho, emquanto as folhas lhe contavam historias lindas! E depois, no outomno, quando uma rebanada de vento passava sobre a arvore, era uma chuva de maçãs d'oiro que quasi lhe cahiam nos braços. Era uma alegria!

Que pensamentos nos assaltam, quando assobiamos assim! Cada nota acorda uma cantiga nova, cada cantiga novas lembranças. Com as cantigas d'outro tempo acordam os sonhos d'outro tempo tambem, que vôam nas azas das borboletas e percorrem seu vasto imperio do nascer da lua ao da aurora.

E, emquanto olha para o chão pouco a pouco embebido nas trevas, vê no andar de baixo abrir-se devagarinho uma janella e apparecer uma cabeça de cara voltada para elle. No pallido oval do rosto, que se destaca em claro na sombra dos cabellos, vê brilhar dois olhos negros e garotos, que olham para elle com malicia de gatinha pequenina.

Logo elle deixa de assobiar; chega-lhe aos ouvidos um riso de troça e a voz alegre da cunhada grita-lhe:

— Vamos, João, continúa!

E como elle não accede ao convite, é ella quem faz boquinha e assobia muito mal algumas notas.

Ouve-se então rosnar no interior da casa a voz de baixo do Martinho, que diz paternalmente em tom de censura:

— Nada de partidas, Gertrudess! Deixa-o dormir!

— E' que elle não dorme, responde ella com o ar amuado de criança com quem ralharam.

Fechou-se a janella; calaram-se as vozes.

O João meneia a cabeça e deita-se, mas custa-lhe a adormecer por causa das flôres que Gertrudes lhe pôz á cabeceira e cujas hastes caem até á borda da cama. Aos cachos violaceos dos lilazes misturam-se os narcizos de calices estrellados, de suave brancura. Dá uma volta, ajoelha na cama e mette o rosto no meio das flôres. As delicadas petelas acariciam-o e beijam-lhe as palpebras e a bocca.

De repente põe o ouvido á escuta. Sente subir do chão o murmurio d'um riso quasi imperceptivel, como se viesse do seio da terra; um riso ligeiro como da aza do vento roçando pelas ervas; mas tão contente, de tão doida alegria!

Escuta um instante; espera ainda uma vez ouvi-o; mas tudo se calou.

— Doidinha! diz elle muito feliz.

Cai-lhe a cabeça sobre a almofada e adormece com um sorriso nos labios.

VII

No dia seguinte pela manhã, o João procurou no quarto o seu fato de trabalho. Está-lhe um pouco apertado nos hombros. Que diabo, engordámos!

O sol já vai alto no céo. Parece que em qualquer outra parte não nos dá nem metade de tanta luz e calor ao coração. É coisa singular o sol da nossa terra! Doira quanto toca e brotam cantigas dos labios que elle beija. Como é bella a vida na casa paterna!... Viva a alegria!

— Tenho agora cá em casa um ninho cheio de passaros contentes, diz o Martinho ao entrar-lhe no quarto para lhe dar os bons dias. Canta, meu rapaz... Costumei-me a isso desde que cá tenho a Gertrudes... Mas que diabo queres tu ir fazer com essa fatiota branca?

— Talvez cuides que me vou ficar para ahi de mãos a abanar?

— Descança mais um dia.

— Nem uma hora. Já pendurei n'um prego o meu fato de valdevinos.

Entretanto o Martinho deu pelas flôres que estão á cabeceira da cama e diz a rir com um ar bruto:

— Olhem o diabo da garota! Por mim e para mim já lh'o tinha prohibido, toca a fazer aos outros a mesma graça sem graça! Ora ahi está por que te venho achar tão amarello!

— Amarello, eu!... Qual!

— Não digas nada. Eu cá farei com que ella não torne a fazer d'essas brincadeiras.

E n'isto desceram.

Não ha meio de encontrar a Gertrudes em casa.

— Desde as cinco horas que está no jardim, diz o Martinho sorrindo com gosto. Tudo anda a vapor logo desde manhã n'esta casa, depois que ella é dona d'isto. Esperta como uma doninha, logo de madrugada está de pé, e sempre contente, a cantar, aos gritos de alegria.

Quando vão caminho do moinho, os dois irmãos vêem passar-lhes por cima umas folhas de cenoira que lhes roça pelas cabeças.

O Martinho volta-se a rir, fazendo com o dedo um gesto de ameaça.

— Quem foi? pergunta o João percorrendo com o olhar todo o pateo, onde se não vê viv'alma.

— Ora! Quem queres que seja?

— E não sabes de todo onde ella está?

— Isso sim! Aquillo é um diabinho; quando quer desapparece.

E, todo radiante, segue atraz do irmão até ao moinho.

Passam-se as horas. O João quer provar que ainda póde fazer muito e trabalha com dobrada energia.

Em quanto, lá em cima na galeria vigia a estrada do grão na moenga, sente que lhe puxam pela aba do casaco. Olha para baixo. Gertrudes, de pé na escada, com as faces crestadas pelo sol, os olhos muito brilhantes, faz-lhe um signal e diz-lhe:

— Vem almoçar.

— Já vou.

Acaba o trabalho e salta para o lado d'ella.

— Brrr! diz ella, sacudindo-se. Olha em que estado estás!

— E então?

— E' que... Gostava mais de ti, hontem.

E dito isto estende-lhe a mão para lhe dar os bons dias e desce a correr a escada, divertindo se a espalhar adeante d'ella uma chuva de farinha.

Ao passar pela porta do casinhoto a que o Martinho chama o *seu* escriptorio, a cara d'elle toma um ar mysterioso e, parando, ergue as duas mãos para o ar como que para esconjurar um espirito.

Ao cabo d'um momento, pergunta baixinho:

— Dize cá? O que haverá lá dentro?

— Não sei.

— E eu tambem não. Não tens licença para lá ir?

— Não.

— Louvado seja Deus! Não sou só eu que sou tão tola... Quando preciso falar com elle, tenho que tocar á campainha... Ora dize, achas isto bonito da parte d'elle? Já não sou assim tão criança para... Melhor é que me cale; uma mulher não deve dizer mal do marido... Mas tu, queés irmão d'elle, fala-lhe por mim, pede-lhe que me diga o que ha ali dentro. Sabes, sinto-me tão intrigada!

— E julgas que elle m'o dirá?

— Se não disser, consolemo-nos um ao outro. Vem.

E, d'um pulo, galgou os tres degráos que levam ao limiar da porta.

Durante o almoço, põe-se de repente muito seria e fala com importancia do muito que lhe dá que fazer o dirigir a casa. Verdade era que em casa da familia já se costumára a resolver tudo por si mesma, porque a pobre mãe morrêra havia muitos annos e ella vira-se obrigada, ainda antes da confirmação, a dirigir a casa do pae; mas a tarefa era leve: o pae só tinha ao serviço um moço para o moinho e para os trabalhos do campo matava-se a trabalhar o pobre pae!

Enchem-se-lhe os olhos de lagrimas. Toda córada desvia o rosto. Depois levanta-se com presteza e pergunta:

— Já não tens fome?

— Não.

E continua:

— Vem comigo até ao jardim. Sei d'um caramanchel onde estaremos optimamente para conversar.

— Acolá, no fim da avenida grande. É tambem o sitio de que mais gosto.

VIII

Entram um ao lado do outro no jardim que o sol innunda com seus raios ardentes e respiram mais livremente quando debaixo da abobada de verdura, que os cerca com sua sombra fresquissima.

Estira se á vontade no banco da relva e põe sob a cabeça á laia de almofada os braços redondos, queimados pelo sol.

Atravez a folhagem espessa rompem, aqui ou acolá, uns raios de sol que lhe semeiam nodoas d'oiro no vestido, passeiam pelo pescoço e pelas faces e, roçando-lhe pela testa, põem uma chamma clara em seus cabellos escuros e frisados.

O João senta-se em frente d'ella e contempla-a com uma admiração, que já não tenta esconder. Parece lhe nunca ter visto tantas graças reunidas. Que encanto no gesto da cunhada meia reclinada! Vêem-lhe á mente ás palavras do irmão: «Como não havia de gostar d'ella?»

— Não sei porquê, mas deu-me hoje para tagarelar, diz ella com um sorriso cheio de confiança, — e arranja mais commodamente a cabeça. — E tu, estás disposto a ouvir-me?

O João diz que sim com a cabeça.

— Isso é bonito, João!... Ora, bem deves calcular que não havia pão de mais lá em casa e que eu contava cada bocado. Manteiga para lhe pôr, nem falar d'isso. E não fosse eu cultivar a quinta, de que vendia a hortaliça na cidade, não haveria maneira de chegar. Mas porque ha de toda a gente levar o trigo á azenha dos Felshammer, sem se lembrar que nos moinhos de vento os pobresinhos tambem precisam viver? Muita vez o diziamos, raivando contra esta casa. Vai senão quando, chega o Martinho. Quer, diz elle, levar a vida em termos com os visinhos. Mostra-se muito amavel e muito dado com o pae, muito amavel e muito dado comigo. Traz aos rapazes bolos e assucar candi e já todos nos babamos por elle. E porfim declara ao pae que quer por força casar comigo... «Mas se ella não tem nada! diz o meu pae. — «E eu nada quero» diz elle. Calcula tu que me levou sem um soldo de dote!... Imagina a minha alegria, que o pae não fazia senão dizer-me: «Os homens só teem em mira o dinheiro; tu Gertrudes és pobresinha; já sabes que ficas para tia.» E lá estava noiva ainda antes dos meus dezasete!... Mas havia já muito tempo que eu sentia pelo Martinho um verdadeiro affecto: porque ainda que elle fosse um bocadinho acanhado e pouco prodigo de palavras, lêra-lhe nos olhos o coração que tinha!... Ainda que elle queira, não póde dizer tudo o que lá tem dentro, é o que é. Sei quanto elle é bom e, apesar do ar resmungão, e dos ralhos em que anda comigo, toda a minha vida hei de gostar d'elle.

Fica-se calada um instante e passa a mão pelo rosto, como querendo sacudir um raio de sol, que lhe doira os cilios e lhe accende nos olhos côres vivas e iriadas,

— E vê como elle é bom para os meus! continua com muito empenho, como se não pudesse achar affectos bastantes para accumulal-os sobre a cabeça do Martinho. Queria dar-lhes por força uma pensão annual, não sei de quanto; mas eu é que não consenti, não me podendo conformar com a idéa de que meu pae se visse reduzido a acceitar em seus dias velhos uma esmola, ainda que esta fosse d'um genro. Mas reservei para mim uma coisa: continuo a cultivar a quinta, como costumava lá na nossa casa, e guardo para mim o dinheiro que me rende. O dispôr d'elle é comigo.

Sorri-se, olhando para elle com um olhar esperto e continua:

— Bem precisam d'elle lá em casa: porque, bem vês, ainda ha tres pequenas para sustentar e vestir, sem contar que precisam d'uma criada desde que eu me vim embora.

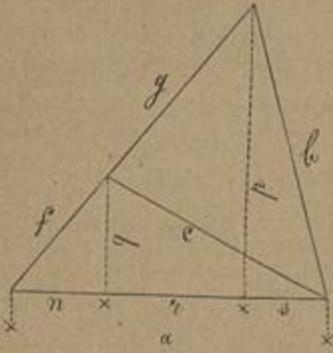
— Não tens irmã nenhuma? pergunta elle.

Diz que não com a cabeça e de repente solta uma grande gargalhada:

— Olhem que escandalo! nem sequer uma de que possas fazer tua mulher!

(Continúa).

UM PROBLEMA

Achar o valor da linha que une o vertice de um triangulo ao lado opposto, em funcção dos segmentos d'esse lado e dos outros dois lados do triangulo.

Seja c (Fig. 1) a linha cujo valor queremos achar. Baixemos as perpendiculares p e q sobre o lado a. Teremos:

$$p^2 = b^2 - s^2 = (f+g)^2 - (n+r)^2$$

Mas

$$s = a - (n+r)$$

Logo

$$b^2 - [a-(n+r)]^2 = (f+g)^2 - (n+r)^2$$
$$b^2 - [a^2 + (n+r)^2 - 2a(n+r)] = (f+g)^2 - (n+r)^2$$
$$b^2 - a^2 - (n+r)^2 + 2a(n+r) = (f+g)^2 - (n+r)^2$$
$$b^2 - a^2 + 2a(n+r) = (f+g)^2$$
$$n + r = \frac{(f+g)^2 - b^2 + a^2}{2a} \quad (1)$$

A similhança dos triangulos cujos lados são n, f, q e $n+r$, $f+g$ e p dá-nos:

$$f+g : f :: n+r : n$$

e

$$n = \frac{f(n+r)}{f+g}$$

Substituindo $n+r$ pelo valor que achámos (1) teremos:

$$n = \frac{f\frac{(f+g)^2 - b^2 + a^2}{2a}}{f+g} = \frac{f[(f+g)^2 - b^2 + a^2]}{2a(f+g)} \quad (2)$$

No triangulo rectangulo n, f, q temos:

$$q^2 = f^2 - n^2 \quad (3)$$

E no triangulo rectangulo q, c, $(r+s)$:

$$c^2 = q^2 + (r+s)^2 = q^2 + (a-n)^2$$

Substituindo q^2 pelo seu valor (3) temos:

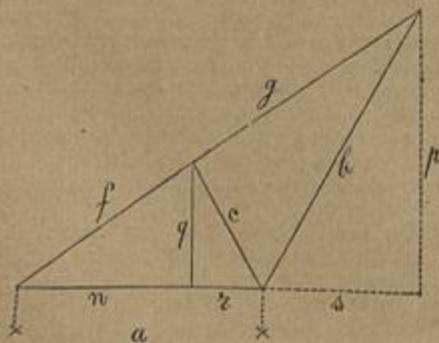
$$c^2 = f^2 - n^2 + (a-n)^2$$
$$c^2 = f^2 - n^2 + a^2 + n^2 - 2an = f^2 + a^2 - 2an$$

Substituindo n pelo valor achado (2) teremos

$$c^2 = f^2 + a^2 - 2a\frac{f[(f+g)^2 - b^2 + a^2]}{2a(f+g)}$$
$$c^2 = f^2 + a^2 - \frac{f[(f+g)^2 - b^2 + a^2]}{f+g} \quad (4)$$

e finalmente

$$c = \sqrt{f^2 + a^2 - \frac{f[(f+g)^2 - b^2 + a^2]}{f+g}}$$

O valor de c é o mesmo quando os lados a e b formem entre si um angulo obtuso (Fig. 2).

$$p^2 = b^2 - s^2 = (f+g)^2 - (a+s)^2$$

D'onde:

$$s = \frac{(f+g)^2 - b^2 - a^2}{2a}$$

A similhança dos triangulos $(f+g)$ $(a+s)$ p e f, n, q dá-nos:

$$f+g : a+s :: f : n$$
$$n = \frac{f[(f+g)^2 - b^2 + a^2]}{2a(f+g)}$$

Mas

$$c^2 = q^2 + r^2 \text{ e } q^2 = f^2 - n^2$$

Logo

$$c^2 = f^2 - n^2 + r^2 = f^2 - n^2 + (a-n)^2 =$$
$$= f^2 + a^2 - 2an$$

Substituindo n pelo seu valor, temos como acima

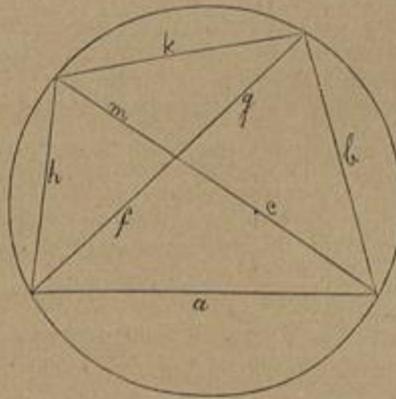
$$c^2 = f^2 + a^2 - \frac{f[(f+g)^2 + a^2 - b^2]}{f+g}$$

e

$$c = \sqrt{f^2 + a^2 - \frac{f[(f+g)^2 + a^2 - b^2]}{f+g}}$$

A formula que acabamos de achar póde ter innumeras applicações na resolução de variadissimos problemas. Contentamo-nos por agora em mostrar como ella nos ajuda na demonstração de dois theoremas celebres.

I

Em todo o quadrilatero inscripto n'um circulo o producto das diagonaes é egual ao producto de dois lados oppostos mais o producto dos outros dois lados.

(Fig. 3)

$$f^2 + 2fg + g^2 = (f+g)^2$$
$$f^2 + 2fg + g^2 - (f+g)^2 = o$$

Multiplicando os dois membros por f, teremos:

$$f^3 + 2f^2 g + fg^2 - f(f+g)^2 = o$$

Podemos ao primeiro membro da equação juntar $a^2 f - a^2 f = o$ e a ambos os membros $b^2 f + a^2 g$, e teremos:

$$f^3 + 2f^2 g + fg^2 - f(f+g)^2 + a^2 f - a^2 f +$$
$$+ b^2 f + a^2 g = b^2 f + a^2 g$$

Alterando a ordem dos termos no primeiro membro, teremos:

$$f^3 + f^2 g + a^2 f + a^2 g - f(f+g)^2 - a^2 f +$$
$$+ b^2 f + f^2 g + fg^2 = b^2 f + a^2 g$$

Que poderemos escrever:

$$f^2(f+g) + a^2(f+g) - f[(f+g)^2 - a^2 + b^2] +$$
$$+ fg(f+g) = b^2 f + a^2 g$$

E ainda:

$$\left[f^2 + a^2 - \frac{f[(f+g)^2 - a^2 + b^2]}{f+g} + fg\right](f+g) = b^2 f + a^2 g$$

Mas (4)

$$f^2 + a^2 - \frac{f[(f+g)^2 - a^2 + b^2]}{f+g} = c^2$$

Logo

$$(c^2 + fg)(f+g) = b^2 f + a^2 g$$

Que poderemos escrever da seguinte forma, dividindo por c os dois membros:

$$\left(c + \frac{fg}{c}\right)(f+g) = b \times \frac{bf}{c} + a \times \frac{ag}{c} \quad (5)$$

Mas da similhança dos triangulos m, g, k e f, c, a conclue-se que

$$\frac{fg}{c} = m \text{ e } \frac{ag}{c} = k$$

Da similhança dos triangulos h, m, f e b, g, c conclue se que

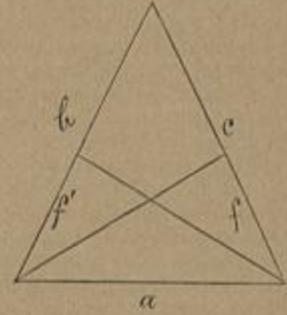
$$\frac{bf}{c} = h$$

E substituindo estes valores em (5) obtemos finalmente:

$$(c+m)(f+g) = b \times h + a \times k$$

II

Quando n'um triangulo são eguaes os comprimentos de duas bissectrizes medidas desde o vertice até ao lado opposto, o triangulo é isosceles.

(Fig. 4) Sendo as bissectrizes eguaes, teremos (4)

$$f^2 + a^2 - \frac{f(c^2 + a^2 - b^2)}{c} = f'^2 + a^2 - \frac{f'(b^2 + a^2 - c^2)}{b} \quad (6)$$

Mas as bissectrizes dos angulos d'um triangulo dividem o lado opposto em segmentos proporcionaes aos outros dois lados.

$$f : c - f :: a : b$$
$$f' : b - f' :: a : c$$

D'onde

$$f = \frac{ac}{a+b} \text{ e } f' = \frac{ab}{a+c}.$$

Substituindo por estes que acabamos de achar os valores de f e f' e simplificando, obtemos:

$$\frac{ac}{a+b}\left(\frac{ac}{a+b} - \frac{c^2 + a^2 - b^2}{c}\right) =$$
$$= \frac{ab}{a+c}\left(\frac{ab}{a+c} - \frac{b^2 + a^2 - c^2}{b}\right)$$

egualdade d'onde se conclue por simples inspecção:

$$b = c$$

João da Camara.